

“Dos objetos oficiais às narrativas periféricas”: aprendizagem histórica em museu em Campo Grande-MS

*“From Official Objects to Peripheral Narratives”:
Historical Learning in a Museum in Campo Grande-MS*

Jaqueline Martins Zarbato*

RESUMO

Este artigo versa sobre a reflexão do ensino de História no museu, que compreendo como espaço para a aprendizagem histórica. O objetivo de ampliar as possibilidades de diálogo educativo relacionados aos bens patrimoniais, as coleções, artefatos, exposição e até a edificação contribui para a discussão sobre práticas de educação patrimonial em articulação com o ensino de História. Metodologicamente, apresenta a abordagem teórica que orienta a análise, com os estudos de educação patrimonial, museologia social, ensino de História e aprendizagem histórica. E, posteriormente, apresenta-se uma proposta didático-histórica desenvolvida com enfoque na aprendizagem histórica. Nessa proposta, atrelou-se as concepções da história local, dos lugares de memória e do saber didático no Museu José Antônio Pereira em Campo Grande-MS, dialogando sobre os bens, objetos que (re)contam histórias da fundação da cidade.

Palavras-chaves: museu; ensino de História; aprendizagem histórica.

ABSTRACT

This article deals with the reflection of History teaching in the museum, which I understand as a space for historical learning. The objective of expanding the possibilities of educational dialogue related to heritage assets, collections, artifacts, exhibitions and even building contributes to the discussion on Heritage Education practices in conjunction with the teaching of History. Methodologically presents the theoretical approach that guides the analysis, with studies of heritage education, social museology, history teaching and historical learning. And, later, a didactic-historical proposal developed with a focus on historical learning is presented. In this proposal, the concepts of local history, places of memory and didactic knowledge were linked in the José Antônio Pereira Museum in Campo Grande-MS, talking about the goods, objects that (re)tell stories of the foundation of the city.

Keywords: museum; history teaching; historical learning.

* Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil. jaqueline.zarbato@gmail.com

Ao propor a análise sobre a aprendizagem histórica no Museu José Antônio Pereira em Campo Grande-MS, a problematização inicial deu-se pela coleção permanente que remete à fundação da cidade, em 21 de junho de 1872. Isso porque no museu que foi a casa do filho de José Antônio Pereira, definido como o espaço de colonização e povoamento da cidade, há objetos, artefatos, imagens e iconografias que remontam a “história oficial”.

Porém, ao perscrutar sobre as outras pessoas que faziam parte da comitiva do fazendeiro (cerca de 62 pessoas), que vieram com ele, assim como as mulheres, os trabalhadores, os negros, os indígenas, dialogamos e problematizamos as possibilidades de ensinar e apreender a história da cidade. Entende-se os museus como espaços não formais de ensino, aliados na fundamentação das aulas de História do ensino fundamental, no âmbito das abordagens sobre a história local. As possibilidades de união da metodologia da educação patrimonial e da didática da História vêm sendo desenvolvidas desde 2018 nas pesquisas que tenho realizado.¹ Atrélendo a produção do conhecimento histórico com a aprendizagem em museus, em centros históricos, em estações ferroviárias, em feiras, em mercados municipais, entre outros, concebendo-os como lugares de memória e de história.

As dimensões de análise envolvem as perspectivas de utilização de diferentes fontes históricas, principalmente de espaços não formais como museus. Em que se atrela a produção do conhecimento histórico da história local com a educação patrimonial, produzindo diálogos e possibilidades de interpretação histórica. Nesse sentido, a abordagem tem o aporte da educação patrimonial, dialogando sobre a prática e a formação docente, com o intuito de contribuir com outras ações didáticas nas aulas de História. É importante salientar que a proposta didático-histórica produzida e apresentada neste artigo tem como objetivo ser utilizada por profissionais de ensino de História.

No que tange aos espaços não formais de ensino, percebe-se que, nos últimos dez anos, há um incremento maior de análise. Isso porque contribui com a percepção histórica do espaço e do lugar, das relações sociais e culturais com os lugares históricos, das formas de vivenciar a temporalidade nesses espaços, dos vestígios patrimoniais, da consciência histórica e patrimonial. Dessa maneira, tanto os processos de ensino formais quanto os não formais adentram os conceitos de “tempo” e de “espaço”, sendo relevantes na compreensão e no reconhecimento histórico por parte dos estudantes.

Para Verдум (2013), a modificação dos “olhares” na prática pedagógica envolve ações que redimensionam as metodologias utilizadas na aprendizagem em espaços não formais de ensino. Faria, Jacobucci e Oliveira (2011), argumentam que os espaços não formais se relacionam àqueles que ocorrem em ambientes e situações interativas, construídos coletivamente, com participação opcional dos indivíduos. Ou seja, ao encaminhar as abordagens para a análise das fontes em museus, pode-se ampliar e aprofundar as diferentes interpretações históricas. Dessa forma, na análise do artigo, apresenta-se as discussões e concepções sobre museus e educação patrimonial, aprendizagem histórica e temporalidades. E, posteriormente, apresenta-se a proposta didático-histórica que foi produzida para atividades com estudantes do 9º ano do ensino fundamental.

VOZES DISSONANTES NO MUSEU: APRENDENDO E INTERPRETANDO AS FONTES

Para o processo de produção do conhecimento histórico, inserem-se as abordagens do museu como um espaço configurado nas dimensões dos bens patrimoniais, desde sua edificação, até a exposição das fontes (objetos, coleções, artefatos). Nesse sentido, a análise que foi realizada envolveu a compreensão do museu enquanto uma categoria patrimonial, inserido na abordagem da museologia social.

Os museus estabelecem sistemas de categorização de parcelas da realidade (os bens culturais/objetos), contribuindo para a apreensão do mundo (como construtores de saberes), permitindo às pessoas orientar-se e relacionar-se com o patrimônio cultural preservado. C afirma Reचना,

os museus são espaços de comunicação e interpretação, materializados na sua forma mais evidente, nas exposições museológicas; os museus como espaço de representação trabalham com modos de fixação simbólica da realidade e não com a realidade em si mesma; os museus definidos como espaços de relação entre o sujeito com o patrimônio cultural atribuem à pessoa um papel determinante. (RECHENA, 2011, p. 5)

Dialogar sobre a inclusão de abordagens que questionem como se dá a disposição dos objetos no museu, que história quer contar, que memórias quer

transmitir, contribui para que se possa demarcar nossos olhares e teorias para um espaço plural. O qual, mesmo nas ausências, conta-nos histórias que possibilitam uma via de reflexão mais ampla para pensar o lugar da diferença, da diversidade que se faz na cultura histórica. Dar enfoque a outros modos de representação é lidar com polêmicas, deslocar olhares e pensamentos mais conservadores. E os museus, boa parte das vezes, encontram-se no cerne desse debate, uma vez que seus espaços expositivos são, por excelência, locais de experimentações estéticas que suscitam sentimentos variados. E, na análise que se realizou, espaços educativos para o ensino de história, ou, como propõe José López:

compreender o museismo pedagógico é assumir que o museu pode ser considerado um contexto educacional construído que permite que seja utilizado como instrumento e como finalidade da educação no sentido mais completo do sentido técnico de educar COM museus; é no mesmo sentido que você deve decidir com propriedade, educar com a literatura, com as artes ou com a história etc. (LÓPEZ, 2016, p. 66, tradução nossa)

Seguindo essa abordagem de aliar a teoria museológica com a prática educativa em história, entende-se que o Museu José Antônio Pereira apresenta possibilidades dialógicas entre passado e presente. Com os usos na história, as mudanças conceituais sobre objetos, coleções e ausência de discursos sobre os grupos subalternos, as vozes dissonantes, as diversidades.

Pode-se dizer que os museus também passaram por mudanças conceituais. Nos anos 1960 e 1970, ocorreu uma expansão e uma revisão museológica, em que foram redimensionadas as formas de atender ao público, mas também de envolver e sensibilizar pela educação museal. Tanto que nos anos 1990 passou-se a existir um espaço educativo nos museus como uma prerrogativa de sua organização.

Mas, em meio ao processo conceitual, concebe-se o museu, na investigação que realizamos, como um lugar de memória, que atribui sentido ao ensino de História. Para tal, lançamos mão da abordagem da educação patrimonial. O aprofundamento na análise sobre a educação patrimonial envolve a manutenção da memória dos lugares e dos grupos sociais.

Transformando as aulas de História em um processo de investigação, uma vez que ao abordar as questões que envolvem o patrimônio histórico-cultural

estamos discutindo diferentes temas históricos. Segundo Matozzi, para abordar a questão do patrimônio é necessário analisá-lo segundo algumas premissas:

Primeiramente, porque os bens culturais são simplesmente marcas que devem ser transformadas em instrumentos de informação, mas se tornam elementos que marcam o território e são o meio de seu conhecimento. Em segundo lugar, porque são considerados parte de um patrimônio difuso no território, em relações com instituições e administrações que têm poderes de gestão de alguns aspectos do território (governos locais, superintendências, direções de museus e de sítios patrimoniais...). Graças ao uso dos bens culturais e graças à educação para o patrimônio, o aluno adquire conhecimentos sobre o território e sobre os problemas da sua gestão e pode tornar-se um cidadão consciente, interessado e crítico. (MATOZZI, 2008, p. 138)

A perspectiva de envolver os estudantes na compreensão de que a história dos bens culturais nos contam as noções de temporalidade histórica, situa no tempo presente o processo de construção da cidade, que abriga diferentes memórias. Isso posto, pensamos na aprendizagem histórica no museu, tendo-o como espaço que permite a interpretação, que mobiliza saberes, que desnaturaliza o olhar de “uma história oficial” para “muitas histórias subalternas”.

Dessa forma, concebe-se o museu como um lugar de memória, que “é toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer”. (NORA, 1993, p. 4). Assim, a intenção em problematizar os bens patrimoniais que estão no museu nos leva a desafios por meio de diferentes caminhos, questionando, dialogando, aprofundando possibilidades de projetos de futuro, os quais desafiam a história contada apenas por um prisma. Pode-se dizer que se configuram com uma função social, que supera a valorização de objetos em detrimento dos sujeitos.

O que envolve também uma dimensão educativa do museu, no sentido de enfrentar os ditos “deveres da memória”, ou como lugar do passado. Situando a problematização pela sociomuseologia, em que a prioridade da função social do museu se dá pela articulação das suas coleções com a participação efetiva da comunidade, mobilizando estratégias de pensar a diversidade cultural. Ainda que a linguagem utilizada no museu seja específica, é preciso aprender a ler os objetos, as coleções, interpretar, descrever, conhecer, reco-

nhecer. E isso só é possível compreendendo-o como um espaço de aprendizagem e lugar de memória. Nesse sentido, como aponta Nora,

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessíveis, vulnerável a todos os usos e manipulações [...]. A história e a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente; a história é uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9)

Além disso, a valorização da memória como parte do processo educativo passa muito pelo campo político e das relações de poder, que se não forem lembrados ou instigados, tendem a fazer desaparecer os lugares de memória e surgir outros de seus interesses. Pois “é por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria” (NORA, 1993, p. 13). Com isso, pensamos que o Museu José Antônio Pereira, assim como tantos outros, podem constituir-se em *locus* da aprendizagem histórica, uma vez que permitem uma atitude crítica em relação aos bens patrimoniais. E que, com base na educação patrimonial, fazem-se mais fulcrais na “alfabetização cultural”.

As dimensões de leitura de mundo e de alfabetização cultural, com o uso de metodologia da educação patrimonial, que pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, em tecnologias e saberes populares. Assim, um dos desafios da educação patrimonial para com o ensino de História, constituindo-se num instrumento de conhecimento das culturas no mundo que nos cerca e de nossas relações com nosso ambiente. Ou como define o documento “Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos”, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. (IPHAN, 1999, p. 6)

Pode-se aliar a abordagem da educação patrimonial com a aprendizagem histórica (RÜSEN, 2013), já que conecta as ações educativas, rompe com as narrativas tradicionais, supera o “olhar estático” sobre coleções, obras, objetos, artefatos. É com enfoque na dimensão educativa que pontuamos a análise com o museu, historicizando, problematizando, fundamentando novas práticas histórico-educativas, estimulando outras análises históricas.

Além disso, dialogar sobre o museu como um bem patrimonial da cidade também favorece a percepção das mudanças na paisagem urbana. E que se apresenta também na problematização do cotidiano e não pela produção de informações e pela memória. Mais do que educar para preservar, as dinâmicas da educação patrimonial permitem que se reconheçam e aprofundem os discursos sobre a História, a cultura, as ações públicas que podem ser mediadas em diferentes espaços culturais, desde as escolas até o convívio social numa comunidade.

A problematização dos bens patrimoniais do museu contribui para o conhecimento sobre as diversidades cultural, étnica, religiosa e de trabalho, articuladas à problemática do patrimônio cultural material e imaterial. Ao falar sobre patrimônio, muitas vezes, recorre-se ao adjetivo *cultural*, mas eminentemente deslocam seu olhar para os monumentos históricos, as casas antigas, museus.

Entretanto, é necessário ampliar esse olhar, produzindo outras percepções de que os objetos, coleções, artefatos podem ser passíveis de leituras de mundo, por parte dos sujeitos e de seus sentimentos de pertencimento ou estranhamento em relação ao patrimônio. É sobre esse processo de consciência histórica que as vivências e leituras de mundo podem fazer sentido e ser utilizadas como possíveis fontes documentais constituídas por diferentes linguagens.

ENSINAR HISTÓRIA: ENTRELAÇANDO AS ANÁLISES SOBRE APRENDIZAGEM HISTÓRICA NO MUSEU JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA

No desenvolvimento da análise (relacionada a pesquisa mais ampla), selecionamos o Museu José Antônio Pereira por dois motivos. Em primeiro lugar, porque é trabalhado no ensino fundamental, com turmas de 9º ano, pois há no currículo o encaminhamento de abordagem com educação patrimonial e história do lugar. Em segundo, porque, na pesquisa realizada sobre os patrimônios no Estado de Mato Grosso do Sul, a instituição é tombada como patrimônio histórico.

O Museu José Antônio Pereira é apresentado no Decreto Municipal nº 4.934, de 20 de abril de 1983, em que é descrito como um representante da memória histórica do município e da fundação de Campo Grande. Assim, todos os documentos oficiais reforçam que o museu representa a fundação da cidade. Onde anteriormente era a Fazenda Bálsamo, hoje se encontra o Museu José Antônio Pereira, o qual tem a edificação nas características da casa da fazenda, com estrutura de casa colonial. Na frente do museu foi feita uma escultura, baseada na família de Antônio Luiz, filho de José Antônio Pereira. A visita oferece ao público o acesso à casa, móveis e objetos da família.

A sede da fazenda Bálsamo foi construída em 1880 e originalmente possuía três edificações. Com alicerces de madeira e corpo com trama de esteio e frechal, sua alvenaria é composta por taipa, com aberturas retangulares e telhas feitas na coxa. Essa combinação de técnicas de construção representa a cultura negra e indígena, por meio da taipa de sopapo, utilizada no Brasil desde o período colonial. Reformado no ano de 1999, o espaço atualmente é gerido pela prefeitura. A visita guiada não possui suporte histórico ou pedagógico, um grande prejuízo para o maior público desse museu: escolas públicas de ensino básico. Em nossas visitas ao local, presenciamos crianças e professores totalmente alheios aos bens culturais que ali são apresentados.

Assim, fica evidente que um dos maiores desafios observados no Museu José Antônio Pereira trata da elaboração e execução de projetos que busquem um melhor atendimento ao público, uma abordagem sobre a relação entre patrimônio, memória e a mediação destas para a construção da identidade. É urgente uma ação educativa que promova uma reflexão, esclarecendo à sociedade sobre a importância da preservação desse bem cultural. Registrado pelo IPHAN e pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o espaço que já possuiu apoio para ações educacionais e até mesmo projetos socioeducativos com a realização de eventos internos, hoje se encontra em um estado de quase aban-

dono. A imagem abaixo representa a entrada do Museu José Antônio Pereira, em que há a estátua representando os possíveis moradores da fazenda Bálamo.

Figura 1 - Foto do Museu José Antônio Pereira.



Fonte: Arquivo da autora.

Em frente à casa de pau a pique, está a estátua de Antônio Luiz, Anna Luzia, e Carlinda Contar. Respectivamente: filho, nora e neta de José Antônio Pereira. É uma estátua com muitas histórias contraditórias, algumas fontes destacam que é a figura de José Antônio Pereira, porém não havia fotos do mesmo, apenas de seu filho. O artista, chamado Indio, entregou a estátua em 1980.

Figura 2 - Foto da estátua do Museu José Antônio Pereira.



Fonte: Arquivo da autora.

A COLEÇÃO PERMANENTE, OS OBJETOS, ARTEFATOS

O Museu José Antônio Pereira também possui uma reserva técnica, com artefatos doados pela família, que se constituem como itens de sua memória. Na coleção permanente, tem-se objetos que faziam parte do cotidiano da fazenda, da casa, das pessoas que habitavam o lugar. Tem-se o tear da “vovó” Anna Luiza e o monjolo d’água e o pilão, que eram utilizados para triturar grãos. Em cada quarto da casa, tem-se a disposição dos móveis e objetos que eram utilizados pelas pessoas, como vestidos, armários, camas, baús.

Na figura 3 pode-se ver: a) a entrada da sala central (réplica da fazenda, artefatos como ferros de passar, facas e o busto feito em homenagem a José Antônio Pereira); b) o quarto da filha, com cama, dois baús e uma maleta; c) a cozinha, com fogão a lenha e panelas; d) o pilão de café; e) o tear manual.

Figura 3 – Fotos do Museu José Antônio Pereira.



a) Sala central.



b) Quarto da casa.



c) Cozinha da casa.



d) Tear manual



e) Pilão de café.

Fonte: Arquivo da autora.

A partir da análise desses objetos, iniciou-se a abordagem histórica, situando e contextualizando o cotidiano da fazenda e do museu José Antônio Pereira. Após a pesquisa com os objetos, artefatos e a própria edificação do museu, problematizamos sobre os grupos que habitavam, trabalhavam ou visitavam a fazenda. Assim, pontuamos a análise sobre as pessoas que cozinhavam na casa, sobre os procedimentos na lavoura, sobre o uso do tear.

A reflexão sobre os objetos e seus usos pelas pessoas que habitavam a fazenda, deu-se para que fosse possível estabelecer os diálogos com os estudantes sobre outras memórias que esse museu pode abordar. Uma vez que, na visita, a narrativa se dá pela memória do homem, branco, fundador da cidade. E os questionamentos que buscamos fazer deram-se pelas ausências de abordagens sobre as mulheres, as crianças, os trabalhadores.

A “percepção” da experiência histórica, de desvendamento da mutação temporal do mundo externo e interno, de uma sensibilidade para a diferença pessoal ou para a alteridade, tem como exemplo o museu histórico, pois nele utilizamos um modelo interpretativo específico do curso de tempo. A cultura, como formação de sentido, sempre tem efeito sobre as realizações da vida prática humana e também pode ser ali identificada. Por esse viés, a educação histórica agrega as complexidades da análise da formação de sentido, fundamentadas por Rüsen (2014, p. 4), quando aponta as dimensões das práticas culturais e suas narrativas.

A preocupação foi em ampliar as noções sobre as vivências das pessoas que são representadas e as que não são representadas no museu. As vivências, com as várias narrativas que poderão estar presentes nesse espaço. Uma outra questão se dá pelo trabalho com fontes históricas no Museu José Antônio Pereira, o que envolve prioritariamente vestígios da cultura material.

Compreendemos que o museu detém potencialidade para construir o sujeito sensível às questões de valorização patrimonial, cultural e ambiental. Museus e escolas podem ser entendidos como espaços que se completam. Marandino (2009, p. 98) destaca a importância da relação entre escola e museus, como espaços sociais que detêm suas histórias, linguagens e propostas educativas próprias.

Para a formação docente, isso traz implicações de abordagem que produzem sentido. Pois, ao propor uma visita ao espaço museológico, o processo inicia-se desde o planejamento de aula. É nesse momento de planejamento que

o professor potencializa a capacidade do museu e da exposição de se tornar uma ferramenta para construção do indivíduo. Abud destaca que os museus são ferramentas de construção para sujeitos com habilidades de questionamentos:

visitar museus é um exercício de cidadania, pois possibilita o contato com temas relativos à natureza, sociedade, política, arte, religião. Leva a conhecer espaços e tempos, próximos e distantes, estranhos e familiares, e a refletir sobre eles; aguça a percepção por meio da linguagem dos objetos e da iconografia, desafia o pensamento histórico com base na visualização das mudanças históricas, permitindo repensar o cotidiano. (ABUD, 2010, p. 136)

Mas ressalta-se que é essencial que o docente realize uma visita prévia ao museu, com o objetivo de conhecer o espaço museal, os objetos, sua exposição, as potencialidades, a forma de visitação e os guiais patrimoniais. A partir dessa visita, amplia-se as possibilidades de um planejamento eficaz atrelado aos temas curriculares. Além disso, ao realizar a visita prévia, o docente amplia os elementos de problematização que poderá desenvolver em seu planejamento e repassar aos seus alunos suas propostas de diálogo.

Na proposta didático-histórica desenvolvida, procuramos mapear a fundamentação educativa antes, durante e depois da visita compartilhada, amparando as análises pelo prisma da educação patrimonial. Propusemos desenvolver um guia para roteiro de visita ao museu, entrelaçado à criação de um material didático próprio para o Museu José Antônio Pereira. A exposição permanente do museu permite-nos compartilhar e aperfeiçoar esse material para outras visitas e níveis de ensino.

A busca pela conexão entre o ensinar e o aprender História leva em conta as diferentes dimensões subjetivas de alunos/as e professores/as, os quais experimentam na arte da História o contato com as mais variadas perspectivas historiográficas. Mas, ao analisar a proposição de Jörn Rüsen (2013; 2014) sobre a experiência e a interpretação, nota-se, muitas vezes, um certo descolamento do sujeito no processo de explicação histórica. Isso porque a produção de sentido caracterizada pela racionalidade, em algumas atividades da aprendizagem histórica, não é problematizada.

Ao fundamentar nossa análise na produção de sentido, entende-se que a interpretação permite o aprofundamento do que se pretende ensinar na História. Pois, segundo Rüsen,

interpretar é a resposta a essa pergunta desafiadora da contingência. Ela relaciona no tempo experimentado com o senso temporal interior, no qual a subjetividade humana se afirma como interação de memorização e expectativa. Paradigmática para esse feito interpretativo é uma concepção de decurso do tempo que une passado, presente e futuro de tal maneira que o futuro com carga normativa se torna compatível com o passado carregado de experiência e a situação que se abre entre experiência e expectativa, a saber, a situação das circunstâncias presentes da vida aparece como proveitosa para a vida. (RÜSEN, 2013, p. 183)

Se interpretar tem um significado importante para a História, pois amplia o enfoque de passado-presente-futuro, pode-se dizer que é um dos elos na fundamentação da didática da História, estando relacionada também à orientação, que significa dar uma versão prática a essa interpretação do tempo. Ela é posta em relação à pressão do sofrimento e a direcionalidade finalista do agir como fator de sua intencionalidade; ela é, por assim dizer, levada à plenitude do seu direcionamento. Nesse processo, o sentido histórico torna-se pragmático. Como reforça Rüsen, a “orientação histórica significa que o próprio eu ou nós se forma em vista do futuro nos e com os conteúdos da experiência histórica” (2013, p. 184).

A consciência do impacto contínuo da humanidade sobre os vestígios do passado intensificou-se durante o século XX: muitos edifícios e artefatos foram, ao longo dos tempos, adaptados a novos usos, mas o impulso pela preservação tornou essa adaptação mais consciente. Tal como o patrimônio, a consciência histórica é uma construção simbólica e, do mesmo modo que a identidade, comporta um processo de apropriação simbólica do real (PINTO, 2012, p. 191).

No ensino da história local, o estudo do patrimônio cultural insere-se nas diversas memórias disseminadas nos mais diferenciados sujeitos sociais para que se possa apreender delas as diversas versões e olhares em que a experiência histórica local se fundamenta e se constitui.

Aquilatando a questão de se problematizar e situar os alunos no espaço/tempo de dado monumento. A preocupação em contribuir com a reflexão sobre os assuntos da história local pode levar os alunos a refletir sobre a valorização da evidência patrimonial. Ao analisar as ideias prévias e a relação com os conhecimentos produzidos acerca da vivência do seu lugar com o patrimônio da cidade, fundamenta-se a relação do lugar com a interculturalidade, o

patrimônio, para assegurar que se verifica a progressão dos conhecimentos dos alunos. Como apresenta Helena Pinto:

A utilização de fontes patrimoniais no ensino de História, nomeadamente em contexto, não é tão frequente como seria desejável, como mostraram diversos estudos de Educação Histórica. Para que isso se faça de forma consistente, é necessário promover uma educação patrimonial a um nível fundamentado: proporcionar recursos e atividades desafiadoras, usar fontes patrimoniais de forma a contribuir para o desenvolvimento da compreensão dos conceitos históricos pelos alunos e a interpretação dos contributos culturais, sociais e económicos de diversos grupos nas suas comunidades. (PINTO, 2012, p. 198)

No desenvolvimento da proposta, trabalhamos juntamente com a professora de História de uma escola pública localizada no centro de Campo Grande-MS, com a turma do 9º do ensino fundamental, que possui 28 estudantes. As abordagens iniciais aconteceram nas aulas-oficinas.

As aulas-oficinas foram estruturadas com base nas dimensões teóricas de Isabel Barca, com o “pressuposto de um ensino de História orientado para o desenvolvimento de instrumentalização essencial (trato com a fonte, concepções, vestígios, tempo e recorte espaço temporal) – específicas (próprias da disciplina) e articuladas (o que transita entre as disciplinas) – encontra-se explicitado nas atuais propostas curriculares para o ensino básico e secundário” (BARCA, 2004, p. 2). Dessa forma, construímos uma proposta de abordagem com a turma, desenvolvida em quatro aulas, com os seguintes passos:

a) Definição de temática, conforme diretrizes curriculares; b) Preparação da investigação dos conhecimentos prévios, tendo por base os objetivos de ensino; c) Proposta da aplicação da investigação junto aos alunos; d) Categorização e análise, pelo professor; e) Problematização junto aos alunos; f) Intervenção pedagógica do professor (interpretação e contextualização de fontes); g) Produção de comunicação, pelos alunos (narrativa, história em quadrinhos, jornal, charge, paródia e outros); h) Aplicação de instrumento de meta cognição. (Adaptado de BARCA, 2004, p. 12)

As discussões procuraram apresentar aos estudantes os documentos históricos, objetos, coleções, textos de memorialistas, artigos jornalísticos, entre

outros. E a visita compartilhada, que aconteceu numa tarde de quinta-feira, no período vespertino, com divisão de equipes para suas análises. Os quatro estudantes de cada grupo intitularam-se como pesquisadores de um tema a ser analisado na visita ao museu, após as abordagens nas aulas-oficinas. Os temas escolhidos foram: mulheres na história da cidade e no museu e as pessoas que trabalhavam na fazenda. Para tal, dialogamos com os estudantes sobre o entendimento da ação histórica desses sujeitos, a invisibilidade, as formas de exercer suas profissões, da vida na comunidade, dos objetos que talvez tivessem sido utilizados por eles. E de como esses objetos são utilizados na atualidade. Com base nessas reflexões, propusemos um roteiro para a visita ao museu, o qual foi produzido para orientar o/a professor/a.

Figura 4 – Roteiro de visita ao museu.

Roteiro de visita ao museu

Nomes:

Níveis de ensino: Ensino Fundamental

1. Conhecimentos prévios:

Você já conhece sobre o museu? O que você imagina sobre o museu?

O que você sabe sobre a fundação da cidade de Campo Grande? Quais eram os habitantes de Campo Grande? Você sabe que pessoas habitavam a casa que hoje é o museu? Faça uma lista de 05 questões que você gostaria de saber sobre o museu.

2. Na visita ao museu:

Antes de iniciar a visita, com uma ficha de orientação, organizar o roteiro conforme as questões suscitadas pelos estudantes; descrição sobre o museu, seu entorno, os objetos relacionados a cada tema (mulheres e trabalhadores); o que os estudantes pensavam sobre a história do museu, o que perceberam, a utilidade dos objetos no museu (passado-presente).

3. Após a visita:

Trabalho em grupo: após a visita, cada grupo irá produzir suas narrativas e interpretações sobre os objetos e sobre a casa que hoje é o museu. A interpretação final pode ser a análise dos objetos e a relação com quem os utilizava (Exemplo: O tear manual era utilizado por mulheres, mas o que remete a isso no museu? Há descrição? Ou os objetos usados na lavoura, quem trabalhava com eles?) A interpretação final pode ser produzida de diferentes maneiras (exposição das fotos feitas pelos estudantes e da narrativa, apresentação em textos, construção de outros roteiros de visita). Lembrando que as questões dos conhecimentos prévios serão retomadas na interpretação final.

Fonte: Elaboração da autora.

A proposta visa ampliar as discussões que são produzidas com os estudantes nas saídas de campo, com enfoque na educação patrimonial e ensino

de História. Assim, a partir das narrativas, possibilitar a todos/as conhecer as concepções dos sujeitos (alunos, inclusivamente), pois, como afirma Barca, há:

a) significados atribuídos ao mundo presente e passado, b) sentidos de mudança (progresso ou declínio linear ou complexo, dialética, ciclo, permanências ou rupturas), c) papel da História na orientação temporal (relações entre passado, presente e expectativas de futuro) no plano coletivo e no plano individual (como se posiciona o sujeito na História?), d) valores de (inter)culturalidade em situações de diálogo, de tensão ou de conflito. (BARCA, 2012, p. 39)

Um das atividades que foi produzida por um dos grupos, após a visita ao museu, evidencia o envolvimento dos estudantes no processo de análise, interpretação, narrativa e outras possibilidades de entendimento sobre as memórias, histórias que podem ser (re)contadas no museu.

Um caça-palavras sobre objetos da exposição e a sua produção foi produzido por um dos grupos. Associando o uso do pilão, que era utilizado para triturar diversos alimentos, o lampião que proporcionava luz e o tear que colaborava nos tecidos.

Figura 5 – Caça-palavras.

MUSEU JOSÉ ANTONIO PEREIRA BARBOSA

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

A	Ç	U	C	A	R	M	M	I	L	H	O	M	B	O	L	N	P
T	E	C	A	T	N	I	E	W	C	Y	M	O	L	D	U	I	R
N	I	D	F	N	F	E	T	I	N	E	H	E	A	H	Z	L	E
U	M	A	É	O	U	R	H	T	O	H	N	D	M	H	P	S	S
T	H	E	E	S	N	P	T	M	B	A	R	O	P	O	L	N	E
L	Y	I	L	V	D	I	S	N	O	T	M	R	A	I	R	I	R
I	T	H	A	A	A	L	O	S	A	E	O	B	R	G	G	I	V
E	D	U	C	A	Ç	Ã	O	L	O	C	N	O	I	R	S	T	A
T	O	L	A	E	Ã	O	T	K	N	I	H	D	N	E	I	W	Ç
E	E	T	T	Y	O	I	O	R	K	D	E	O	A	J	N	H	A
A	E	P	A	L	I	M	E	N	T	O	S	T	S	A	O	T	O
R	C	U	R	D	E	B	U	L	H	A	D	O	R	E	S	C	E

ALIMENTOS	FUNDAÇÃO	MELAÇO	PILÃO	TIAEVA
AÇUCAR	IGREJA	MEMORIA	PRESERVAÇÃO	
CAFÉ	LAMPARINAS	MILHO	SINOS	
DEBULHADORES	LUZ	MOEDOR	TEAR	
EDUCAÇÃO	MEIOAMBIENTE	MOENDA	TECIDO	

Fonte: Elaboração da equipe da pesquisa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a análise, salienta-se que as discussões produzidas neste artigo se configuram como um recorte de uma pesquisa mais ampla, em que pontuamos a análise dos museus como espaço que pode proporcionar diferentes interpretações no ensino de História. O Museu José Antônio Pereira foi um dos espaços de memória em que a pesquisa foi realizada, contribuindo com os/as professores/as na produção de sentido histórico, bem como da utilização da educação patrimonial como contributo para as aulas de História. A importância em atribuir sentido ao que se ensina em História, valorizando as diferentes interpretações, os diferentes sujeitos sociais também foi o enfoque de nossa análise. Assim como a produção de materiais didático-histórico que possam ser utilizados nas aulas de História.

A análise que realizamos apresenta muitos caminhos interpretativos, no entanto, buscamos interpretar e problematizar os bens culturais presentes no museu. Envolvendo os pertencimentos regionais, com modificações e permanências não só da edificação, mas dos usos dos objetos, do reconhecimento de quem eram os sujeitos históricos que viviam na fazenda, hoje sede do museu.

Além disso, possibilitar que essas reflexões fossem levadas para as aulas de História deu-se justamente porque compreendemos que os conceitos, temas e conteúdos históricos devam partir do contexto histórico em que os sujeitos estão inseridos e ter significância para esses sujeitos. Se a aprendizagem histórica passa pela experiência, pela orientação e pela interpretação, a habilitação dos docentes e aprendizes para lidar conscientemente com tais tarefas é fundamental (RÜSEN, 2012, p. 11).

Pensar numa aula de História voltada para a preservação, divulgação, socialização e produção do conhecimento sobre os bens culturais do museu coloca em discussão nossas ações, ao assumirmos o compromisso com a memória de diferentes gerações, que imprimem novas abordagens curriculares, posicionamentos profissionais, aproximando o passado histórico do presente e fundamentando práticas de valorização no futuro.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia M. *Ensino de história*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do projecto à avaliação. BARCA, Isabel (org.). *Para uma*

- educação histórica de qualidade*. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- GORGAS, Mónica. Os museus e a crise dos povos de identidade concorrente. *Museologia e diversidade cultural na América Latina e Caribe*. ICOFOM LAM, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 117-129, jun., 1998.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. Patrimônio cultural material e imaterial. Brasília: Ministério da Cultura, 2007.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: *Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FRAGA, Hilda Jaqueline. A cidade como documento no ensino de história. In: POSSAMAI, Zita Rosane. *Leituras da cidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2010.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *Políticas Patrimoniais no Brasil: impasses e realizações*. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2006.
- HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Varia Historia Belo Horizonte*, vol. 22, n. 36, p. 261- 273, jul./dez., 2006.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- JACOBUCCI, D. F. C.; JACOBUCCI, G. B.; MEGID NETO, J C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. *Revista em extensão*, Uberlândia, vol. 7, p. 55-66, 2008.
- LÓPEZ, José M. T. Procesos de educación no formal y museísmo pedagógico: construyendo el ámbito de educación “museo”. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; FORTUNATO, Ivan; LÓPEZ, José M. T (orgs.). *Educação não formal e museus: aspectos históricos, tendências e perspectivas*. São Paulo: Edições Hipótese, 2017.
- MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e educação para o patrimônio. *Educação em revista*, n. 47, p. 135-155, jun. 2008.
- MARANDINO, M. Museus de ciências, coleções e educação: relações necessárias. *Museologia e Patrimônio*, v. 2, p. 1-12, 2009.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Revista Proj. História*, n. 10, dez., 1993.

- PINTO, Helena. Interpretação de fontes patrimoniais em Educação Histórica. *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n. 1, p. 187-218, jan./jun., 2012.
- RECHENA, Aida Maria Dionísio. *Sociomuseologia e gênero: imagens da mulher em exposições de museus portugueses*. Tese de Doutorado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011.
- ROBALINHO, Marta C. D.; COSTA, Carina M. Aprender com objetos no Museu da República: propostas de leitura das dobras do tempo. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, MS, v. 18, n. 31, p. 305-321, jan./jun., 2016.
- RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *Revista História da Historiografia*, n. 2, p. 163-209, mar., 2009.
- RÜSEN, J. A formação histórica de sentido como problema da didática histórica. In: *Cultura faz sentido: orientações entre ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- SOARES, André Luis Ramos (org.). *Educação patrimonial: relatos e experiências*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é esta? In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel (org.). *Aprender História: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2009.
- VERDUM, P. Prática Pedagógica: o que é? O que envolve? *Revista Educação por Escrito – PUCRS*, v. 4, n. 1, jul., 2013.

NOTA

¹ Desde 2018, pesquisamos em equipe, no Mato Grosso do Sul, as possibilidades didáticas da história, com usos de bens patrimoniais, envolvendo estudantes de graduação, professores de escolas públicas, estudantes de pós-graduação e professores universitários.

Artigo submetido em 27 de novembro de 2020. Aprovado em 29 de janeiro de 2021.